

# UMA OBRA MORALIZADORA

É um filme notável — ferozmente pessoal. Paralelamente ao romance de Carlos de Oliveira, que tem a austeridade e a intransigência das grandes obras, a fita de Fernando Lopes repudia o fácil e as soluções de contrabando. A tal ponto que se empenha teimosamente em escorraçar o espectador minimamente viciado (nem sequer lhe consente os aplausos de um final de espectáculo num palco de província...) e só por isso deve sublinhar-se como uma obra esteticamente **moralizadora**.

Depois, tem uma unidade singular — coisa rara, senão única, no cinema português. **Timing**, rigoroso, fluência na representação (pela primeira vez dois profissionais de teatro em autêntica actuação cinematográfica) e uma sóbria e arguta fotografia a desenvolver o estilo álgido da narração numa atmosfera contensa e extremamente intencional.

Raras vezes vi um filme, como este, tão implacável a todos os títulos e tão repassado por um terror quase confidencial. Descreve a noite branca da morte com a violência em linha recta e com mil subtilezas ao longo da trajectória. Nada de alardes, nada de concessões ao espectacular: uma câmara que se desloca com sábia contensão, uma montagem sem sobressaltos de encher o olho, uma noite, noite e só noite, com os imensos cambiantes da imperceptível jornada — tudo isto dominado com mão extrema, universal.

E nesta pudor agressivo também filme e romance se identificam. Só que **Uma Abelha na Chuva** de Fernando Lopes corre em paralelo com **Uma Abelha na Chuva** de Carlos de Oliveira: não se comporta como uma adaptação livre nem como uma transposição literal do romance porque o que Fernando Lopes quis captar foi o estilo interior, a unidade global do livro em vez de se focar sobre as seduções do entrecho da narrativa, perfis psicológicos ou quaisquer conotações de ordem ecológica que nela se contêm. Essas coisas vieram naturalmente e não como versão cinematográfica de uma realidade organizada em termos de romance. E eis porque a adesão de Fernando Lopes ao texto literário em que se centra a película corresponde a uma fidelidade superior: porque é uma identificação criadora, sem preconceitos de obediência nem de libertação, e porque se fez trabalhada por dentro e com imaginação própria.

Coisa semelhante passou-se, acho eu, com **Women in Love** de Ken Russell, um filme que muitos dos nossos teóricos serão capazes de excomungar, está visto. A verdade é que quem conheça, mas conheça, D. H. Lawrence não pode deixar de verificar com assombro que o realizador, seguindo aparentemente à letra o romance, conseguiu desenvolvê-lo cinematograficamente como uma metáfora crítica de toda a obra de ficção de Lawrence, dando-nos uma interpretação do próprio romancista e de algumas das suas coordenadas fundamentais. Pela mesma razão, quem quiser «ler por dentro» o filme de Fernando Lopes encontrará nele insinuações importantíssimas sobre algumas constantes de toda a ficção de Carlos de Oliveira (certo traço de pícaro subtil na descrição do terror, por exemplo; certa identificação da paisagem com a noite do homem; a presença da palavra «alma», etc) que jamais algum crítico literário tinha apontado.

Mas este é apenas um aspecto marginal, um dos muitos que enriquecem **Uma Abelha na Chuva**

JOSÉ CARDOSO PIRES